

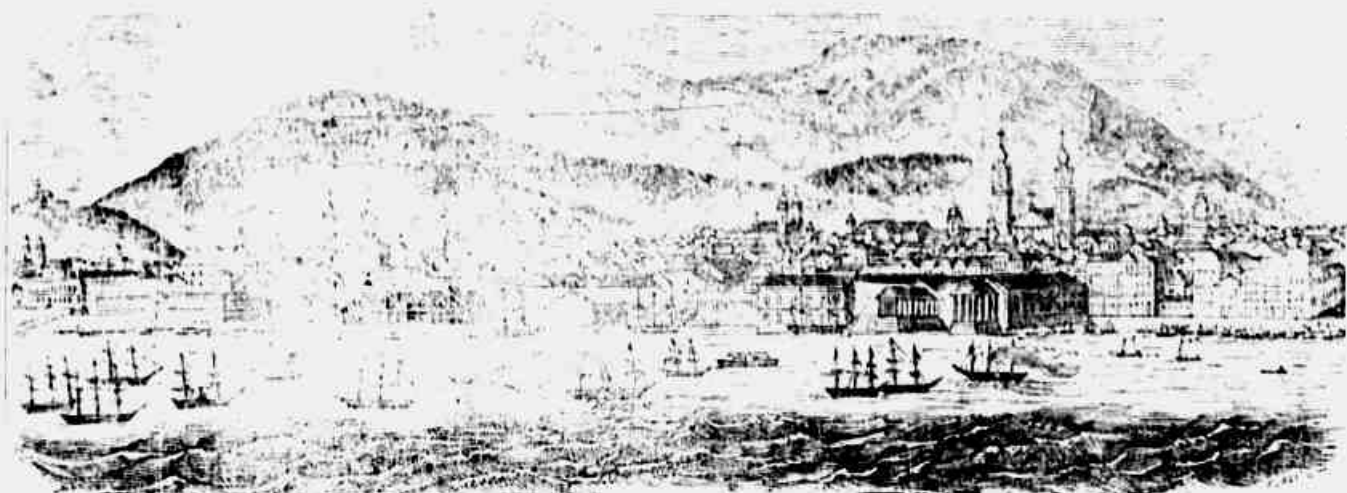


T. 5-1

BRASIL ILLUSTRADO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA.

118-6-



Córie e Números

Publicação mensal, com 12 números por ano.

N.º 1. Vol. I — Quarta-feira 14 de Março de 1853.

Exscriptorio, rua d'Ajuda, 79.

Provincias e Exterior

6 mezes 100.000, Um anno 200.000.
As dezesset paginas annuaes 2.000



P. 67
1551



quando nenhum outro pensamento nos vem na publicação desta revista mais do que o de auxiliar aos que, como nós amamos a leitura e prezão o progresso do país.

Convencido da impossibilidade de conseguirem esforços isolados, e ou mesmo de poucos, os grandes resultados que almejam todos, decidimo-nos a uma empresa por sem dúvida grande: e si fracos e vigas não podem os meios próprios, o socorro que nos vão prestar as reputações que tivemos a prudência de temer, suprirá as lacunas, que de força deixaria a limitação de nossos recursos.

Nem de outra maneira nos aventuramos em tão tempestuosos mares, nem poderíamos satisfazer, sem o seu valioso concurso, a vastidão de nosso programa que abrange a todas as sciencias, litteratura e artes.

Assim em nossas paginas, virão ellas estampar seus progressos e tornar curiosa devertida e instructiva nossa leitura.

Eis-nos pois aterrorado a contingencia de uma empreza tão difficil quanto honrosa. O Brasil illustrado, que nada o recomenda senão a sinceridade de suas vistas e confiança na boa vontade que de todas as partes o anima, nada ousa prometter, porque entre a promessa e sua realisação ha um abismo; porém conta que com tão grandes auxiliares, decidida vontade e dedicacão muito se pode conseguir. — O que resta pois? — trabalhar.

PAULA MENEZES.

SCIENCIAS.

A atmosfera.

Reflectindo sobre a natureza dos gases que compoem a atmosfera, os quaes *permanecem* no estado gasoso, por maior que seja a pressão e resfriamento, a que sejam submettidos; attendendo-se ao indifferetismo ou fraquissima affinidade com que um delles (azoto) entra em combinação com os demais elementos da materia; e á proporção em que se manifesta o outro (o oxigeno) ainda em estado gasoso, depois de haver effectuado innumeraveis combinações com os demais elementos materiaes, sobre os quaes exerce geralmente as mais importantes modificações; poderiamos aventurar algumas reflexões acerca da *formaçãõ* da atmosfera: a Cosmogonia de *Muyes*, e, em locale harmonia com ella, o estado actual das sciencias phisicas, guiarão os ousados arrojõs da imaginaçãõ, que se abalançasse a persequer os sublimes mysterios da creaçãõ do mundo; para comprehender como rodear-se a terra de ar, como se recolherão as aguas aos profundos valles dos mares, e como se solidificou em forma regular o resto do globo. Mas nosso intento e nossas forças nos prohibem entrar nessas arduas questões, e tomando a *terra* como ella é, creada de uma atmosfera, no meio da qual vivem *continuamente* como vivem na agua os peixes, ligados e dependentes desta atmosfera para nossa saude e vida, para nossa industria, para todos os mysterios sociaes, procuraremos neste artigo levar ao conhecimento do benigno leitor algumas reflexões acerca do que mais importa ao homem conhecer neste assumpto.

Peso, altura, e elasticidade do ar.

O peso que supporta qualquer porção da superficie da *terra* da parte da columna de ar que, respondendo sobre esta porção de superficie, se eleva até a ultima camada superior, este peso, é o mesmo que teria lugar se em vez de ar, se achasse sobre essa porção de superficie uma columna d'agua de 32 pés de altura: ou uma columna de mercurio de 2 pés e meio de altura: é uma verdade demonstrada pelos barometros de uma maneira *irrecusavel*.

Ora como por não menos rigorosos processos se sabe que a agua, debaixo do mesmo volume, pesa 770 vezes mais que o ar; segue-se que a columna de ar que, sobre a mesma base, pesa tanto como esta columna de agua, tem uma altura 770 vezes

menor; por tanto a columna de ar deveria ter uma altura de $32 \times 770 = 23.640$ pés, se o ar tivesse em todas as alturas a mesma densidade ou *concentraçãõ*. Mas como a densidade do ar é tanto menor quanto mais longe da terra se acha, isto é, como o ar se vai *rarefando* na proporção da altura; acontece que esta porção de ar, que tem 23.640 pés, cerra de 2 leguas de altura, expandindo-se, se eleva até a altura vertical de 18 leguas: e altura de atmosfera pouco mais ou menos.

Quando por circumstancias accidentaes, como as temporarias, certas posições do sol, etc., ou quando nos elevamos a uma torre alta, ao cimo de uma montanha, diminui-se ou augmenta-se a quantidade de ar comprehendido entre nossas cabecas e as ultimas camadas da atmosfera, varia por isso mesmo o peso do ar sobre nos; assim quando o *barometro* nos indica que o peso da atmosfera em vez de ser de 32 pés d'agua, é só de 31 pés, já sabemos que o peso da atmosfera reduziu-se de $\frac{1}{32}$ e como sabemos tambem que o nosso corpo tem um metro quadrado (cerca de 3 1/2 pés quadrados) de superficie, e por consequencia supporta da parte da atmosfera o peso de uma columna d'agua de um metro de base e 32 pés de altura, cujo peso é — 20.000 libras ou 925 arrobas; concluímos com toda a exactidão, que cada vez que o barometro marca uma diminuição de $\frac{1}{32}$, o nosso corpo se acha aliviado de um peso igual a $\frac{1}{32}$ de 925 arrobas ou de 19 arrobas e meia! a sensaçãõ agradavel que experimentamos as vezes nas proximidades das chuvas, e sempre que subimos uma alta montanha, é devida a esta diminuição do peso com que a atmosfera nos comprime.

O estorço do raio tambem é devido a este peso do ar, que quando atravessado pelo raio se separa e *reune* logo que o raio passa, e se reune com tal força devida a este peso, que chega a produzir o medonho estampido: pôde-se ter uma idea approximada do que dizemos, mergulhando a mão em uma tina ou em um poco d'agua, e movendo-a rapidamente, vê-se que a agua *flutua* de todos os lados para vir occupar o lugar ou o *vazio* deixado pela mão: é exactissimamente o que acontece quando o ar é atravessado pelo raio ou de electricidade. Quando a polvora conflagrando-se na espingarda lança fora todo o ar balas, chumbo, buchas, etc., deixa o cano da arma *vazio*, então o ar comprimido pelo seu peso entra com energia e produz o *estouro* e o *cruir* da arma. Quando *chupamos* a agua, mate, leite, etc., por um canudo, fazemos o *vazio* na boca, e então o peso do ar força a agua ou o mate a entrar pelo canudo: ninguém é capaz de chupar por um canudo tendo a boca aberta,...

Aristoteles, um dos maiores talentos da antiguidade desconhecia que o ar era pesado: e para verificar suas suspeitas pesou um *odre* ou uma *hexiga* vazia (dobrada ou encheia) e depois pesou cheia de ar, fazendo este juizo — *cheia* de ar, o peso será a somma do peso da hexiga, mais o peso do ar que ella encerra: sem ar ou *vazio*, o peso é o da hexiga só; subtrahindo daquella somma o peso da hexiga só, a differença deve ser o peso do ar que ella encerra — a experiencia, mostrou porém, que *cheia* ou *vazio* a hexiga apresentou o mesmo peso, e Aristoteles abandonou a sua idea a cerca do peso do ar.

Entretanto Aristoteles tinha razão o ar era como é hoje, pesado: o que fez que a hexiga cheia de ar pesasse tanto como quando vazia era que, cheia de ar, augmentando de volume, ella perdia uma porção de seu peso exactamente igual a porção de peso que o ar lhe devia augmentar: é o que 20 annos depois demonstrou Archimedes, celebre physico parente dos reis de Syracusa a mais de dous mil annos, mas ninguém applicou a descoberta de Archimedes á experiencia de Aristoteles.

O peso do ar só foi demonstrado a 200 annos por Toricelle e Paschal. Hoje demonstra-se facilmente pesando uma garrafa cheia de ar, e depois a mesma garrafa sem ar (tirado pela machina pneumatica); vê-se que sem ar ella pesa cerca de vinte grãos me-

nos, logo o ar contido na garrafa pesa 20 grãos.

O ar é *elastico*, isto é, quando comprimido elle diminui de volume, mas apenas cessa a compressão elle volta ao volume que tinha antes de ser comprimido: esta propriedade se demonstra facilmente por meio de um tubo ou canudo de vidro, ou de metal (fechado em uma e aberto na outra extremidade): estando este tubo cheio de ar, se applicamos pela extremidade aberta um *embudo* ou uma rolha untada de *azeite*, que bem ajustada o percorra todo, e obrigue o ar encerrado a diminuir o seu volume, não tendo por onde escapar, veremos, que o ar resiste com certa energia ao embudo que o comprime, mas vai diminuindo de volume, e reduz-se *metade*, a *terça* parte, etc., do que era, existindo tanto mais quanto *menor* vai ficando o volume: mas logo que deixamos de comprimir elle faz de novo reinar a rolha até a boca do tubo, recolhendo seu primitivo volume: e o que se chama *elasticidade*.

É esta notavel propriedade do ar que faz com que elle em lugar de crear a terra com uma camada de 2 leguas de altura estenda-se ou dilate-se até pouco mais ou menos 18 leguas: porque não tem coisa alguma em cima d'elle que o comprima. As suas camadas vizinhas da terra são comprimidas pelas outras todas que estão por cima, mas a ultima não tem peso algum sobre si: dada para cima esta *espaço vazio*, e não se dilata mais porque a *attractão* da terra nessa distancia é *igual* e equilibra a força da elasticidade desta ultima camada de ar.

Composiçãõ do ar. — O ar é composto de elementos ou ingredientes que se achão sempre e constantemente fazendo parte de sua massa, e de ingredientes que se achão accidentalmente se achão de mistura com elle.

1.ª As partes constantes, e suas proporções são as seguintes: — em 100 partes. —

	VALOR MED.	PEZO.
Oxigeno	21	23
Azoto ou nitrogeno	79	77
Gaz acido carbonico	6	100
Ammoniac	1	1
Iodo	1.000.000	1
Vapor d'agua	variaveis.	variaveis
Ozona	variaveis.	variaveis

2.ª As partes accidentalmente em mistura são:

As exhalacões de terra, os gases resultantes das queimas e combustões, da decomposiçãõ dos corpos vegetaes e animaes, de essencias ou oleos exhalados pelas flores, folhas, e madeiras, das respiracões e outras funcões animaes, das fabricas, etc.

Todas as *acquresas*, que resultão de vegetaes e animaes, suspensas e misturadas com o ar, ou são *decomposadas* pelo oxigeno do ar, que as transforma *todas* a final em *acido carbonico*, *agua* e *ammoniac*, se ficão por muito tempo na atmosfera: ou se sobrem chuva, estas se reconduz a terra, onde soffrendo analogas metamorphoses, sempre sob a acção do oxigeno, transformão-se a final e sempre em *acido carbonico*, *agua*, e *ammoniac*; corpos que são inoffensivos á saude como da primeira necessidade para a vida dos vegetaes, e da agricultura. Assim a bondade e sabedoria divina creou na terra a atmosfera mesma o meio de transformar e aproveitar do homem o que é adverso á sua felicidade!

Os gases que se achão constantemente na atmosfera, os primeiros, não varião nem de natureza nem em suas proporções — nas ruínas por todos das capiteas ou nas mais pacificas e longinquas campinas, vales, e collinas: nas salinas de ammonia ou nos jardins; no fundo das minas, ou a duas leguas de altura onde tem o homem podido chegar-se em balões; nas geladas regiões dos polos da terra, ou no abrazado equador; no ar recolhido nas ruínas de Pompeia ali guardado a 2.600 annos, ou no ar de hoje — sempre os mesmos gases componentes, sempre estes gases nas mesmas proporções!

Para se verificar ou para demonstrar

LITTERATURA.

POESIA NACIONAL.

A PENHA.

Poema composto nos fins do século passado pelo Sr.

João Rodrigues Gama,

e retocado pelo Sr. G. Fraga.

Argumento.

A milagrosa Penha se descreve,
E os elementos todos conjura;
A mais brilhante luz, mais branca neve,
Vai visitar a seus Fieis amados:
O hollandez a vela não se atreve,
Foge, rouba os thesouros guardados:
No dia, em que esta Aurora se festeja,
Grandes prodígios faz na sua Igreja.

I.

Eu sou aquelle, que cantando amores,
Muitas vezes ao som das doces canções,
Libengei a vida dos Pastores,
Exaltei a belleza das Serras;
Porem hoje deponho os meus louvores,
Não quero mais cantar glorias mundanas,
Que são sombras da luz, do ar asseado,
Formosuras de flor, torres de vento.

II.

Cante Homero d'Achilles as victorias,
E d'Augusto Virgilio o grande Imperio,
Ovidio fabulise vans historias,
E reprehenda Horacio o vituperio:
Que cantarei mais inclytas memorias,
Maravilha maior, maior mysterio:
Almejado exaltar em meio puro,
Outro mais claro sol, meu astro escuro.

III.

Vós, Soberana estrella matutina,
Que sois Musa melhor, mais bella fonte,
Que os angelicos choros predomina,
Que as plantas rigard o sagrado monte:
Dai-me na humana voz graça de fôr,
Pra que vosso poder de modo cante,
Que se acredite em tão distincta norma,
Igual vossa materia á minha forma.

IV.

Não appareis no vil deste instrumento,
Atendei só as veras d'um desejo,
Pois que tambem do outro o luzimento
Nas entrancas da terra occulto vejo:
Não vos consagro, não, do ente, dimento
Os dotes que não tenho; antes com pejo
Só vos dedico em tão simplicidade
Affecção, devoção, gloria, e vontade.

V.

Si nisto não sou eu tão vehemente,
Quanto merecem vossas excellencias,
Da pura graça vossa, a grossa enchente
Cobra o campo de minhas indigencias:
Pra que chelo d'amor, e zelo ardente
Tambem publique vossas preminencias,
E possa conceber pelo meu canto
Gloria ao céo, gosto á terra, ao inferno espanto.

VI.

A' costa occidental Americana
Que do Atlantico IV'n é mais visinha,
E o nome Brasil sustenta ufana,
(Não o de Santa Cruz, que d'antes tinha,
Que Tapuyos habitou, gente lusana)
Estão secenta grãos ao sul da linha,
Duas Villas chamadas com vangloria,
Uma Espirito Santo, outra Victoria.

VII.

Estende o mar um braço pela terra,
Que porto faz á tal capitania,
E como grossas véas nelle encerra
Grandes ilhas, de toca pedraria:
Por onde vem Jucá de rica serra,
E outro que se diz — Santa Maria —;
Que, expiados dos mais insanos ritos,
Vem pagar a Neptuno os seus delictos.

VIII.

Uma comprida legua está distante
A Villa da Victoria celebrada,
Da outra, que se vê menos possante
Ficar junto da barra edificada:

Duas penhas d'altura exorbitante,
Uma cuberta, outra descalçada,
Que, defendendo a entrada, atemoriza
Quantas quilhas no mar soberbas pisão.

IX.

Si os barbaros Típiços inda viverão,
E ao seu fingido Jose guerreirão,
Nem tão vastas ilhas comprehendirão,
Nem tão compridas rochas abalirão:
Pois se n'um destes cumes se pozirão,
Por certo d'improvisão ao céo chegarão,
Sem precisar mover com tanta fôrça
O Pelion, Etna, Ossa, Olympo, e Ida.

X.

Mas ah! quantos Típiços engrandecidos,
Pelo véro Tumante sublevidos,
Sabem a Penha sacra emborevidos,
E são por semi-fiezes contemplados!
E não do Etna em fôrça consumidos,
Mas de glorias no Olympo premiados,
Transformão-se em Mercúrios d'eloquencia,
Para eterno louvor da Omnipotencia.

XI.

Nesta, que digno Pelio desenhista,
Majestoso edificio se offerece,
Que pela immensa altura á vista insecta,
Guardado castello se parece:
Mas neste mesmo engano a vista acerta
(Pois é bem se publique, e se confesse):
Do inimigo defende em qualquer guerra
A fé, a devoção, o rei da terra.

XII.

Essa torre de Fêro esclarecida,
Esse templo de Efezo, assembrado humano,
O Colosso da ilha á Grecia unida,
O famoso Obelisco de Trajano,
A machina do Egypto engrandecida,
O palacio de Cato soberano,
E o mausoleo de tanta architectura,
São confuzos burres desta platura.

XIII.

A escarpada Penha não consente,
Que por ella se dê um só passo,
Que o recodo da quebra preminente
Ao toque mais subtil pae embarcado:
Só por uma ladeira sobe a gente,
Que igual á devoção faz o cansado,
Talvez porque se entenda, que a virtude
Do corpo é, d'alma saúde.

XIV.

Estão no meio della em largo assento,
As casas de romeiros bem compostas:
Tendo em duas capellas asento
São Francisco, e Jesus com a cruz ás costas:
Subindo mais da mesma ao firmamento,
Varias cruces por ella estão dispostas,
Pra que os passos fieis, que ali não cessão
Nellas pelos de Christo se offereção.

XV.

Por compridas escadas s'indo ao cume,
Se acha um grande templo na eminencia,
Sagrado ao Virginal, e Santo lume,
Esposa, filha, e mãe da omnipotencia:
Sem que a vista apurada por contúcia,
Se farte em ver, que tal magnificencia,
Resiste ao Aquilão constante, alisa,
No empinado penhasco, e rocha viva.

XVI.

No alpendre por colúmnas sustentado
Uma rica portada se conserva,
E logo dentro um choro levantado:
Que para a Deus orar só se reserva:
Aqui mesmo o Senhor crucificado
De qualquer peccador a vista observa,
Que sendo imagem só para lembrança,
He puro original, não semelhança.

XVII.

Um púlpito com duas collateraes
Altare de bellissima escultura,
Na forma e na materia são iguaes,
Cédros em si, e marmore na figura:
Parece que chegar não pôde a mais
O primor d'arte á fôrça da pintura:
Pois tanto a vida ilude, e a vida engana,
Que nem o mesmo tacto descenpura.

(Continua.)

ga, e mesmo a proporção, do oxigeneo e do azoto, basta emborecar sobre um prato cheio d'agua um copo de vidro (cheio de ar), comprehendendo este copo emborecado um pedacinho de phosphoro que flutue n'agua sobre uma rolha ou pedaco de madeira: abandonado a si mesmo este apparelho, vê-se no fim de horas (6 ou 12) que cerca da quinta parte do ar confido no copo emborecado tem desaparecido, porquanto a agua sobiu até 1/5 de altura! Se na occasião de emborecar o copo se chega fogo ao phosphoro, e abraçado este, se emboreca rapidamente o copo, a experiencia se conclue em um minuto: mas neste caso, dilatado o ar pelo calor, parte delle se escapa do copo: e a experiencia da mais de um quinto do ar desaparecido.

Ora a chimica nos ensina, que concluida a experiencia, apparece n'agua uma porção de acido phosphorico, que se sabe ser composto de oxigeneo e phosphoro: e como só o ar pôde fornecer este oxigeneo para fazer acido phosphorico concluímos que do ar confido no copo emborecado a quinta parte era oxigeneo, porque foi o que desapareceu e passou-se para phosphoro, e dissolven-se n'agua.

Analisando o resto do ar (os quatro quintos, que ficou no copo ainda em estado de gaz) vê-se que o azoto — pois mergulhando-se neste gaz restante um corpo, vela, mecha, o que se quizer, aceso, elle apaga-se immediatamente: além disto este gaz que apaga a combustão, não se combina com corpo algum directamente: e só o azoto está neste caso: logo os 4/5 de ar são azoto.

Quem não tiver phosphoro á sua disposição para fazer esta experiencia pode fazer-la só com azeite de cal, basta para isto — emborecar sobre o prato com azeite o copo de vidro contendo dentro um pedacinho de cal viva ou cal de pedra de maneira que o azeite não molhe a cal, expondo então este complicado apparelho aos raios do sol, ver-se-ha que no fim de algumas horas a quinta parte do ar do copo tem desaparecido, o azeite tem subido outro tanto pelo interior do copo. — Neste caso o oxigeneo do ar combinou-se com o carbonio e com o hydrogeneo de que é composto o azeite e formou acido carbonico, e a agua que se condensa na cal.

Para provar a existencia do acido carbonico no ar, basta expor ao ar um prato cheio de agua de cal: estando o apparelho tranquillo, vê-se no fim de 24 horas uma película branca cobrindo a agua do cal, esta mesma agua já não é transparente, acha-se turva, e leitosa: deitando esta agua em um copo fundo de vidro, o juntando-se-lhe um acido qualquer (como acido sulfurico, nítrico, vinagre, ou mesmo limão azeite) observa-se uma fervera de pequenas bolhas que se elevão do interior do liquido, tudo isto é prova de que a cal recebeu acido carbonico, que se desprende della em bolhas quando se lhe junta um acido. Ora só do ar podia elle, nesta experiencia, receber acido carbonico: logo o ar contém este acido. Mas mostra-se a proporção, pesando a agua de cal antes e depois que recebeu este acido carbonico de um dado volume de ar, que os 6/10,000 do volume d'este ar são gaz acido carbonico.

O ar é pois composto em volume

de oxigenio 21

de azoto 79

Acido carbonico 6/10,000

A presença do ammoniaco, do iodo e da ozone demonstra-se por processos especiaes igualmente rigorosos, mas que suprimimos aqui por que os mais essenciaes elementos, e que bastão para as considerações a que temos de nos referir, são o oxigenio, azoto e acido carbonico.

Em o proximo numero occupar-nos-hemos com as importantes funcções de que o Creador incumbiu o ar atmosferico para manter a vida dos seres organisados e a admiravel ordem nos phenomenos do nosso planeta.

PAULA CANDIDO.

Ao dia 14 de Março de 1855.

SAUDAÇÃO.

Senhora,

Aquelles, que pelas condições de um alto nascimento tem de collocar-se nas maiores alturas da sociedade ou rejeição povos ou partilhem das docuras de um thalamo venturoso, recebem com tão invejada dignidade o peso de uma herança gloriosa; e a recordação de virtudes, que devem continuar, faz nascer essa necessidade activa e indeclinavel de justificar vantagens que não adquirirão seus proprios esforços e suas proprias fadigas.

Uma, como predistinação, porém, marca desde o berço essas grandes princezas que tem enchido o mundo do esplendor de suas virtudes. Uma aspiração sublime á um bem que não conhecem ainda; um desejo ardente de expandir sua alma á doces emoções, uma sensibilidade delicada, que as faz estremecer a idea dos soffrimentos da humanidade, prezagão naquella que um dia virá a sentar-se ao lado de um esposo, de um grande monarcha, uma magnanima Rainha! E quando realizados todos estes vaticínios da sensibilidade Ella goza, no espectáculo das proprias virtudes, no feliz desenvolvimento das bellas qualidades do coração e do espirito, dessa felicidade, que procede da felicidade dos outros; porque então ha um povo, que com a linguagem sincera e apaixonada do coração—agradece beneficios cumpridos, como garante de beneficios que aguarda.

Eis a razão philosophica do entusiasmo de um povo nobre e moralisado, que tem a fortuna de ver



sentada em seu throno uma Princeza como — vós, Senhora!

Os vivas de um povo inteiro, as aclamações entusiasticas e as lagrimas de pracer que banhão hoje, milhares de semblantes, não são a men-

tida linguagem da torpe hy-pocrezia, nem a expressão interesseira da vil adulação, não de certo; ellas são os fructos que colheis de vossas virtudes, os effeitos da excessiva bondade de vosso coração, finalmente uma doce e grata retribuição dessa amabilidade, que espelha a ternura de vossa alma e que atraição algumas vezes as pezasdas exigencias da gerarchia e da magestade.

O povo, Senhora, em seu natural bom senso sabe aquilatar o valor de sua felicidade e conhecer a fonte de que ella dimana; e por isso rende graças ao Omnipotente pela posse de um bem tão precioso como — uma Rainha virtuosa. — E a recordação de vosso nome, e a lembrança de vossos beneficios, e a memoria de qualidades tão apreciaveis formão em seu coração as cripas de um hymno de amor e de gratidão, de um cantigo apaixonado cheio de inspiração e poesia com que elle saudá-vos todos os dias, com que elle festeja hoje o dia de vosso natalicio! E com razão o faz elle, Senhora, porque o dia 14 de Março é um dia nacional; nacional pelo facto, que recorda, nacional pela ventura que lho trouxe.

Nessa saudação, apaixonada sincera, há porém, Senhora,

uma idea bella, grandiosa e christã, porque há — uma glorificação e uma prece; porque ha á vós um voto de gratidão a Deos, uma supplica pela prosperidade de vossos dias.

DR. FRANCISCO DE PAULA MENEZES.

Aos gloriosos annos de S. M. I. a Senhora

D. Thereza Christina Maria,

IMPERATRIZ DO BRASIL.

No dia 14 de Março de 1855.

O. D. C.

Por um momento só, si podeis tanto,
Entre os dos campos lépidos verdores,
Enmudecei o canto,
Plumíferos cantores;
E deixae-me saudar, com voz canora,
Deste divino dia a grata aurora.

Não tem o berdo, derramando encantos,
A lyra dedilhar pleno d'entono
Troar sublimes cantos

Aos pés do regio throno;
E' apenas um misero alarde,
Que hymnos depõe nas aras da virtude.

Batido embora da desgraça ruído,
Lido do abysmo da miséria á borda,
Em quanto este alarde
Tiver uma só corôa;
Regeia Thereza, em candida alegria,
Terás de onvil-o no teu santo dia.

Entre o povo nascer; nascer princeza;
Ou rico, ou pobre; n'oriental, ou occaso;
Ter dons da natureza;
E' tudo um puro acaso!...
Pois antes de nascer ninguém procura
Patria, paes, ou talentos, ou ventura.

Forém designar-se sobre a terra,
Muito elevar-se acima dos humanos,
Por uma alma, que encerra

Mil, puros dons soberanos;
Sobre o throno sentir o alheio fado,
Rir co'o feliz, chorar com o desgraçado....

Sentir do pobre os mil trabalhos rudes
Sem jámais esquece-lo no abandono;
Com o brilho das virtudes
Deslumbrar o do throno;
E requinte de um tal merecimento,
Antepon a virtude ao nascimento! ! !

Só tu, mulher prodigio, sabes tanto!
Só tu, anjo celeste, ou divindade!
O' do teu sexo encanto!
Gloria da Magestade!
Só tu, divino amor da Realeza!
Só tu, sublime, candida Thereza!

De arroubada do vate á fraca lyra,
Que a louvores sacros não se extine,
Ah! talves que te lira

modelo — a natureza, — e o gulo infallivel — a verdade, — não foram seriamente avaliados.

Não farei uma exposição minuciosa do facto principal, não cuido a arca, não seguirei, não apalparei os diversos encaixes do drama, não desenvolverei todas as circumstancias que o revestem, contentar-me-hei em citar algumas scenas, cuja pouca possibilidade se me apresentou em mais sciencia, e achar-se-ha, senão erro, a razão do que avanco.

Sem fallar no pouco credito que devem produzir a presença repentina, e sem causa, da marquez de Tolmezo no lugar do duelo entre Victor e Eugenio; a immensa facilidade das evasões sob a vigilancia da policia inquisitorial de Veneza, o prompto apparecimento de toda a familia Tolmezo no palacio da condessa de Bormio, em Padua; a espantosa dexterdade com que Edmundo evadido das prisões de Veneza, foragido, homiziado, vai chegando a Padua, logo ao facto de todos os tramas da condessa de Bormio, logo em communicação com os carcereiros de seu irmão, e na mesma hora comprando-os e pondo aquelle em liberdade; a subita appareição de Edmundo entre Eugenio e sua mulher, quando este a quer assassinar, trazendo em uma mão um contracto de divorcio e a outra uma escriptura de doação; o milagroso incio, pelo qual uma familia inimiga ao frasco de um homem que lhe causara todas as desgraças, que se tornara seu assassino, se deixava ficar a viver com elle, solo o mesmo facto, na casa, que mais pertencia ao alçôz do que as victimas; outros pontos avulso de tão notavel inverosimelhança, que realmente desanimariam ainda ao mais desejoso de bem dizer da da composição, como se considera o abarço assignado.

Por sem duvida, todos, como eu, reputarão pouco natural que da paixão instantanea de uma mulher rebeltem odios taes que, nos primeiros momentos da declaração de um amor não correspondido, mas que poderia vir a se-lo, a arrastem de sua terrança a actos de furor tão desmedido para tomar de improviso um complice e um instrumento ao amigo do seu desprezador, cuja lealdade até então lhe era insuspeita, cuja tendencia ao crime desconhecida e a quem ella via pela primeira vez em uma praça publica, e acha-lo tão accessivel, tão prompto, tão decidido, para fazer delle seu confidente, seu agente e perpetrador das maldades que machucava; e por preço desse contracto assegurar com seu juramento ao homem, que tão miseravel subservencia tornava já em extremo ignobil e infame a seus olhos, a entrega da filha que seu marido, em sua hora derradeira, lhe confiara como um deposito de pureza e innocencia!

E merecera tambem bastante credito o facto de um naufragio lutando para salvar com a amante a mulher que os perseguia, que se embarcara com o filo posto de os desunir para sempre, que lhes votara a mais violenta guerra, que assegurara ao amante a perda por si desse hemidolatrado, e ante cujas ameaças e juras tremendas elle proprio se atterrara? Isto quando os seus esforços podiam ser mais bem succedidos, empregados na unica salvação da mulher por quem se estremeira e por cuja vida dava a sua?

Ha mudos, com um uso admiravel das pinturas e imagens de acção, que se fazem comprehender com pasmosa facilidade; mas trazer um homem privado do dom da fallia, escapao ao furor das ondas e aos horrores de um naufragio, colloca-lo diante de uma familia desconhecida, em terra estranha, faz-lo passar por um estirado e mortificante interrogatorio, obriga-lo a fazer descrições, com tanto vehemencia, com tanta poesia, do seu infortunio, das suas dores moraes, do seu immenso e eterno amor, das circumstancias desesperadoras do seu naufragio, e faz-lo bellamente comprehender das pessoas que o rodeão, sustentando longas scenas pela phisionomia e gesticulação, nem só se reputará pouco possivel, como seria em um drama situação martyriante para o proprio espectador!

O drama — Victor ou a fatalidade — assenta em

pontos iguaes, acompanhados de enfeios ainda mais assignalados.

Estes factos me parecerão principaes: e eu os capitularei de graves faltas contra a verdade das composições. Outros mais habilitados os apreciarão devidamente.

Julguei do meu dever notar estes desvios. Talvez não o fizesse com acerto. Os meus erros nascem sempre da pouca intelligencia e não da má intenção. Deo por ventura demasiado peso ao principio de verdade das composições: prezo o muito Respeito com toda a força das convenções a verdade na essencia, a verdade na forma; o que quer dizer para composições da ordem de um drama que ellas devem ser grandes e de alcance, o que quer dizer que ellas devem ser naturaes.

Rio de Janeiro em 22 de Janeiro de 1855.

Ilm. Sr.

Tendo lido e examinado o drama lyrico intitulado *Gli Arabi nelle Galie, o sia il trionfo della fede*, — producção poetica de Luiz Romanelli, posta em musica pelo cavalheiro Pascini para o theatro de S. Carlos de Napoles, e que me foi remettido, e recebi em um libretto impresso na dita cidade, em oanno de 1857 no typographia Flautina, nada achei nelle que deya abalar a sua representação, na conformidade das instrucções do aviso de 10 de novembro de 1843, e da resolução imperial de 28 de agosto de 1845; e isto quer no que diz respeito ao que no dito libretto se acha impresso, como tambem quanto a emenda ou substituição manuscrita de 4 paginas, que veio pegada com o dito libretto, e que em um papel tambem pegado que cobre os ultimos tres versos da 2.^a scena, do 1.^o acto, e outros da scena seguinte, se diz (por letra manuscrita, acerca desse trecho haver sido mudado em Napoles, pelo autor Pascini. Esta asserção do tal papelinho me não pareceo muito admissivel, porquanto um mestre compositor, como Pascini, no caso de fazer alguma mudanca ou substituição em uma de suas peras musicas, e muito notavel que elle a fizesse sempre com alguma producção do seu proprio talento sem recorrer ao papel de piagiarista e copista, inserindo em uma composição sua um trecho do qual uma parte fosse a mesma como a da obra de outro compositor, como succede no caso presente, no qual, segundo o libretto, uma parte do trecho substituido não e senão um pedaço do dueto da D. Cavite de Mercadante, que aqui ouvimos ja muitas vezes no theatro de S. Pedro, e depois na sociedade Philharmonica, e Philharpe onde o cantavam ninhas filhas e outras senhoras brasileiras. Noto isto porque me parece que o credito, dignidade, e decore do Conservatorio Dramatico, são laes que não devem ser lavados com a facilidade illudível, por espeztezas; e que a um tribunal como este se deve ao menos tanta attenção e respeito de haver algum escrupulo em lhe fallar senão a pura verdade.

O merecimento da composição poetica, e muito pouco em todos os sentidos, mas pelos riscos á penna, e a lapis, e pelas confusas notas que se leem a margem do libretto, parece-me que a sem piedade, e o sem escrupulo com que vão nella ser feitos certos cortes, trocas, substituições, etc., ha de vir a sahir ainda peor e tão confusa que poucas pessoas poderão entendel-as; pois eu mesmo á vista do libretto e desses riscos e notas confesso que me acho embaraçado em descorinar e desemaranhar essa confusão; tal é a sorte das composições poeticas lyricas, em um grande numero de theatros e principalmente naquelles, se os ha, cujas empresas não tem ao menos uma pessoa entendida na arte, que os dirija nesses cortes e alterações para não resultar dellos monstruosidades e absurdos, e principalmente naquellas cujas membros se não peão de dizer que poetas de theatro, traductores, librettos e traductores são meras superficialidades e que tudo isso dispensa sem o menor escrupulo ou cuidado, como senão seja do seu encargo ou do da empresa que dirigem que o publico ache tudo claro e intelligivel: quando

vai aos espectaculos que lhe dão. E beravel que a alçada do Conservatorio Drama seja, a este respeito, mais ampla, como dev para o bem da arte, e o progresso della no p quaes exig. m que o publico não seja illudido, pingindo-se-lhe gato por lebre, e que gastando seu dinheiro, e vendo gastar a sua custa o da nação, não ache ao assistir aos espectaculos, mais vers enigmas de esphyge dos quaes não entenda nem possa explicar nem o principio nem o fim. Esse mesmo interesse exigiria que, ao menos nas primeiras representações, as peras fossem a scena laes e quaes ellas sahirão da mão de seus autores sem suppressão, substituição, ou alteração alguma que não tenha sido a approvação dos mesmos, ou que seja justificada por impedimentos legitimos.

Averescentarei que segundo uma nota manuscrita que vem no libretto á margem da aria da Agobar, na pagina 34, essa aria vai ser mudada ou substituida, mas se não diz com qual dellas: e não se remetterão com o libretto as palavras da aria substituida como devêra ser feito, porque nada se deve pronunciar na scena com o espectador que não tenha sido visto, examinado, e permitido pela autoridade competente, a qual não pode julgar, nem permittir sem ter visto.

E o que me occorre dizer a V. S. nestas occasiões para ser presente ao Exm. Sr. presidente do Conservatorio Dramatico, na occasião opportuna.

VÁRIEIDADE.

Paginas de uma vida obscura.

Não são os brilhantes feitos de um ponto, que as facanhas ruidosas de um guerreiro, que encalhe hoje a nossa admiração em torno de uma memoria, e nos impellem a traçar algumas linhas afim de pagar-lhe um devido tributo.

Não é tambem o prestigio de um nome herdado de avos, adquirido a peso de ouro, ou elevado na sociedade por accões quasi sempre ali aquiladas conforme as circumstancias mais ou menos favoraveis, alguma vez enaltecidas, daquelle que procuram enobrecer o com pretensões ás homenagens do seus contemporaneos, e á gloria na posteridade.

Não é finalmente nenhum dos assumptos, que até o presente tem occupado as paginas dos nossos jornaes, vibrado as cordas do coração do nosso povo, ou entusiasmado o seu espirito, que ora nos commove a alma, e dirige a nossa penza.

E sim uma vida de provas, de abnegação completa, de dedicação sem exemplo, toda submergida em uma morte obscura! E a vida e a morte de um desses seres, desprezados entre nós, a quem os homens martyrisão durante a vida, e a igreja nem uma oração consigna depois do passamento!

Homens de todas as classes, de todas as crencas que tendes coração, vinde comnosco ajoelhar-vos sobre a sepultura de um escravo para ouvir sua historia! Vinde della aprender virtudes que honrão a humanidade!

Que importa que aquelle que as praticou fosse um preto ou um branco?

Brilham melhor as estrellas em noite escura, e a fealdade de qualquer objecto se duplica ao clarão do dia. A virtude embellece sempre aquelle que a pratica; assim como o vicio deformisa o mais formoso individuo.

Christãos! não motegeis; é a biographia de um verdadeiro christão que vamos escrever. Ingratos! não sensurais; é de um homem que nasceu livre, e a quem o poder do mais forte escravizou sem conseguir viciá-lo a nobre alma de sorte a impellir-o a vingança aproveitando-se da intelligencia, que lhe doára Deos para mover os seus companheiros do infortunio a sacudirem vosso tyrânico jugo, que vamos hoje fallar.

Por mais extranha e inutil que pareça a nossa tarefa aos olhos do vulgo, nós a comprehendemos

er, com enthusiasmo, com gloria mesmo: orta para nos tão suas aquelles triumphos nos effeitos, nas honras de uma sociedade que puzo para elle esta quasi sempre prompta e incessante a quem — honzou as paixões, e a virtude e o merito —
B. A.

(Continua.)

REVISTA DA QUINZENA.

A censura ordinaria dos escriptores de revistas afflicto nos hoje. Não nos podemos queixar da este- relidade da quinzena. Ha noticias de toda a parte, de toda a ordem, de toda a importancia. Apenas n'um ponto de vista o tempo, que nos e dado explorar, a terra e o mundo: e o ponto que occupa a politica interna. Mas longe de queixar-nos-nos, damos-nos por satisfeitos por esta circumstancia. Tomando estas palavras no sentido, que lhe derão entre nós, e os vicios que podem corromper o coração do homem como cidadão — a sede do mando, em primeiro lugar — politica interna queria dizer até aqui a serie de escandalos, que começou no que a patria tem de mais baixo e vil, e acabou no que os abusos do poder tem de mais discredito e ilegal. E' pois uma ventura para os que estão em baixo, e um elogio para os que estão em cima, não ter que dizer a tal respeito.

Tambem não estava muito em nossas vistas, nem nos planos deste jornal, dedicado a certo genero de interesses, gastar tempo com esse assumpto — materia ingrata, que calça por ultimo a mão que nella trabalha, e da qual nunca se pode tirar uma obra digna de ver-se. A imprensa, por um criminoso desvio de sua missão, era até aqui o principal elemento desse triste estado de cousas. Hoje porém parece ter comprehendido melhor o seu fim, marcha em outro caminho, leva outro rumo. Apraz-me acompanhá-la, e votar ao esquecimento esse systema: a geração a que pertencemos desiste e em- vergonha-se dessa triste herança do passado.

Entretanto, apesar da multiplicidade de assumptos a respeito dos quaes ficou satisfeita a curiosidade publica nestes ultimos dias, resta ainda um sobre o qual permanece alguma anxiedade, sendo aliás esse o que deve inspirar maior interesse. Chegaram noticias do *Prata*, mas bem pouco se soube do caminho que levão as nossas questões com o Paraguay. As folhas diarias derão alguns *consta-los*. Nada porém se ficou sabendo de official e positivo. Nem ao menos se nos disse em que ponto ficava a nossa esquadilha, quando devia partir, quando esperava chegar ao seu destino. Temos razão em fazer esta declaração, que nada tem de hostil a marche do governo, porque entendemos que o espirito publico não está preparado a esse respeito. Ha pouco enthusiasmo, diremos até pouco conhecimento da questão. Ha alguns circulos em que se sabe, ou pelo menos onde se dispõe de dados para suppr-se o que foi fazer ao Paraguay uma esquadilha do Brasil, e um agente revestido de importantes poderes; ha porém outros, e estes são os mais numerosos, em que tudo se ignora, e em que nada pôde suppr. Si a manhã, como entendemos provavel, nos acharmos empenhados em uma guerra com o estrangeiro, fallará ao governo o grande elemento do interesse e do enthusiasmo publico. Veão-se os effeitos que elle tem produzido na actual guerra da Europa; como tem sido fertil em recursos para sustentação da boa causa! Quando a politica de um governo está por assim dizer no coração do povo, não ha sacrificio, a que este se não sujeite com prazer e com dedicação. Isto é a historia de todos os dias. Es- censamos dizer que é mais que evidente a reciproca desta proposição.

E' tanto mais necessario nesta época, que tudo se saiba, e que tudo se conheça a fundo e em detalhe, quanto começão a lavar certos males, que nós jul- gamos facéis do remover, attentas as causas, a que os attribuímos, mas que podem tornar-se funes-

simos, si por acaso ha engano na origem que lhes damos. E' mister porém que o governo esteja preparado para que não se accumulem suspeitas e duvidas sobre sua cabeça.

A carestia, a que tem ultimamente subido os generos alimentícios, começa a causar inquietações. As padarias roubão o povo no tamanho do pão; entretanto os diários commerciaes, que diariamente se publicão, mostrão, que não ha falta de farinha no mercado, ou pelo menos que a não ha maior do que em outros tempos. O mesmo succede com outros generos, e de que abundão os armazens, e cujo preço está muito alem dos recursos, já não di- remos dos pobres, mas até dos remediados.

Algumas pennas bem intencionadas tem já escripto algumas linhas tremulas do susto, que causa semelhante andamento; alguns vem já no futuro o proletario esfomeado, inando, estarrapado pedindo pão e abrigo e pela voz da caridade e da moral publica clamando contra todos os governos, que se levantão. Estamos longe de tão tristes previsões. Mas é de nosso dever lembrar que ellas se despertão.

Felizmente fazem diversão a estas apprehensões, que não são menos graves por não serem geraes, o movimento que o espirito de empresa, planta nova no paiz, mas que pela rapidez e vigor de seu crescimento mostra bem a fertilidade da terra, tem dado nestes ultimos tempos ao commercio. Acaba de baixar o esperado regulamento da empresa da rua do Cano, que satisfaz completamente as vistas dos interessados. Não se esperava menos da boa vontade do governo, ou segundo a aspiração do publico no que diz respeito a melhoramentos materiaes. A de- mora, que esse regulamento teve nas secretarias do governo, a impertinencia de alguns escrupulos, que se attribuião a alguém, que fora ouvido no ne- gocio, haviam feito crer que se levantarião emba- racos a companhia. Esses escrupulos não são para nós senão tributos pagos como culto ao espirito de rotina, que se amedronta ante tudo que não é o chavão uzeiro e vezeiro, que ainda se nos pretende destinar por unico futuro. Folgamos de vel-os pos- tos de parte, e esperamos que o exemplo do que suc- ceoem a esta companhia anime as muitas outras, que estão formadas ou em caminho de formar-se.

Ha ainda outra diversão seguramente menos seria, mas que nem por isso arrasta menos o espirito publico, onde todas as cousas achão um lado accessivel. E' o theatro lyrico: e infelizmente são menos as questões artificiaes, do que as de admini- stração, as que occupão o publico. Não dizemos infel- izmente porque entendamos, que a respeito de um theatro subvencionado pelo governo, não tenha o publico esse direito. Dizemolo porque lamentamos que o publico se veja forçado a isso.

Temos uma opinião individual, com cuja res- ponsabilidade não queremos que carregue a re- ducção deste jornal. Por muitas razões, ha muito tempo que o governo devia ter suspendido a sub- venção, que os cofres publicos prestão ao theatro. Nunca se fez tão mau uso do dinheiro, como em- pregando-o em pagar a dunsarinas que não danção, a cantoras que não cantão.

Em outra occasião, talvez na primeira Revista, havemos de occupar-nos particularmente deste as- sumpto.

Agora duas palavras aos leitores.

Entendemos que uma Revista não é senão uma occasião de fallar do acontecimento de uma semana ou de uma quinzena, e não como muitos pensão, uma chronica dos dias do anno, escripta pagina a pagi- na, facto por facto. Muitas vezes se continuarmos neste trabalho, ha de succeder que a revista não se occupará senão de um unico assumpto, aquelle que precisar de discussão. Em um jornal, como este, quasi um livro, convem que não tenhamos as revistas como os fazem os outros jornaes. Só o que deseja- mos é poder dar conta da nossa tarefa, tão bem como elles dão da sua.

E' nos bastante sensível dar neste primeiro nu- mero do *Brasil Illustrado*, um artigo com o fim de

apresentar a perda, que o paiz acaba de soffrer na pessoa do distincto mathematico Dr. Joaquim José de Oliveira.

Não podemos porém livrar-nos a obrigação con- tribuida para com os nossos leitores de lhes dar-nos conta de tudo quanto interesse a illustração desta terra a qual votemos os nossos pensamentos, com todos os nossos trabalhos e festins.

Não temos sobre de gente que esteja ao nível do Dr. Oliveira, não, nas sciencias mathematicas em que era elle uma das melhores illustrações, o Bra- sil não offerece ainda copia de homens que pos- são apparecer no alto circulo da sciencia europea, e e por isso que ainda mais dobradamente nos con- frangimos em tratar de semelhante objecto.

Nem mesmo ha ainda entre nós esses incentivos brilhantes, que em outros paizes fazem apparecer os homens eminentes na altura a que elles tem direito!

Por amor do grande nome do astronomo Arago, o proprio Napoleão, coarctou os effeitos da lei, quan- do o exculiu da necessidade de prestar o juramen- to, que a todos foi exigido.

Quanto pode um grande nome em presença de um grande homem!

São as revoluções ensanguentadas e terriveis pos- dem fazer dizer aos assassinos de Lavoisier: — A França não precisa de homens sabios! —

Entre nós uma grande illustração como Arago ou Lavoisier, quem sabe se ainda passaria desa- percebida?

Protemos os nossos homens.

O Dr. Joaquim José de Oliveira creou a sua carreira: não teve avós, foi filho de si, como tantos outros, que no paiz avultão por seus serviços e co- nhecimentos.

— Habil official do corpo de engenheiros.

— Profundo no calculo differencial integral.

— Honrado e modesto.

Elis o retrato do illustre morto, que não será em breve substituido.

Os officios religiosos tiveram lugar no Mosteiro de S. Bento em presença de numeroso concurso.

O elogio deste grande finado foi confiado ao Sr. Dr. Antonio José de Araújo.

ENIGMAS.



Z A E * S J X X X L X X X

